



Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região | Ano VIII. N° LXXXVII. Dezembro de 2014

Acesse o Boletim online no site www.crediverentes.com.br

PREÂMBULO POR QUE E DE QUEM TEMOS MEDO?

Discute-se atualmente sobre o direito de publicação de biografias, ainda que não autorizadas, ou seja, à revelia do biografado. Uma celeuma que vem ocupando a mídia, autoridades e pessoas comuns em geral. Curiosamente, expressões maiores da música brasileira, que sempre apregoaram a liberdade de imprensa e de manifestação, que combateram o regime militar, foram os primeiros a proibirem suas biografias, alguns até mesmo com o aval inicial da justiça. Pior ainda: ainda que autorizadas, os biografados querem participação nos lucros oriundos das vendas. Assunto agora sob a apreciação do Congresso Nacional e Judiciário.

Vivemos a era da informação e constitucionalmente, assim se entende, todos devemos ter acesso aos fatos e às fontes que envolvem o cidadão, se de interesse ou evidência públicos. Não importa se pessoa comum ou uma celebridade. Nossa vida, caráter, formação profissional e intelectual, nossos deslizes e realizações formam o que se denomina biografia, isso é, nossa roupagem, nossa trajetória, nossa bagagem, passíveis de serem histórica ou literariamente avaliadas.

Quem tem ação e atuação social – e todos as temos, em menor ou maior relevância – estamos sujeitos, a qualquer tempo, à avaliação alheia. Gostemos ou não. Deixamos marcas, fatos, rastros em nossa caminhada e torna-se praticamente impossível ocultá-las de todo. Charles de Gaulle, general e ex-presidente da França, disse, certa vez: - "A maior de todas as autoridades é o fato, é Sua Excelência o fato". Não há, pois, como fugir, transigir, esconder, "escorregar" ante a existência e a veracidade dos fatos. Um ditado popular afirma: "Quem não quer aparecer, não deixe acontecer".

Quem atua na seara da imprensa, da memória, da literatura, em missão ou a serviço da pesquisa, vê-se questionado – e por vezes censurado,

senão afrontado – sobre seus temas e conteúdos que envolvam quesitos pessoais. Observa-se uma censura prévia, até mesmo incisiva, quando a temática trabalhada chega ao quintal ou à porta dos "incomodados" (biografados). O trabalho intelectual – pesquisas, redação, edição, publicação, divulgação – é algo especial e tão valioso quanto qualquer outra atividade lícita. Precisa ser respeitado, estimulado, ainda que contrariando "grandes" que não querem expor fatos de suas vidas profissionais. E, para tanto, buscam subjugar até poderes constituídos aos seus interesses "nobiliárquicos".

Na verdade, temos medo de que os outros nos conheçam de perto e de fato, de que nos desnudem, de que tomem conhecimento de nossas falhas, erros, marcas, nódoas, fragilidades na nossa condução e condição de pais, irmãos, filhos, amigos, cônjuges. Desejamos manter uma imagem de pureza, de perfectibilidade, uma reputação ilibada, os requintes da fama, ainda que com as roupas salpicadas de lama e quantos, quem sabe, por resíduos de infâmia. Manter a auréola de "donzelas" a qualquer custo. Nossos segredos, nossos escaninhos revelados, causam-nos desconforto. Nosso passado, por vezes, nos desmascara, nos sobressalta e desejamos que ele permaneça sob controle – mas como enganar a consciência ?!

Não queremos que nossa áurea imaculada seja despida, quando, na verdade, somos apenas humanos com erros, falhas, incertezas, frustrações, sonhos comuns à nossa evolução. Não desejamos que nossa vulnerabilidade, nossos flancos sejam subvertidos e expostos ao conhecimento público ou até a nós mesmos...



AO PÉ DA FOGUEIRA O ENFATUADO

Executivo de uma empresa de segurança na Capital, deslocara-se até a terra natal, ao ensejo das festividades natalinas e passagem de ano. Rever os familiares, reencontrar amigos de infância, um pouco de ar da montanha, lazer interiorano que o batente no centro grande era dos "bravos".

Circulava a toda pela cidade na direção de veículo confortável, moderno, do ano, esnobando poder, sofisticação e um quê de empáfia. Eis que, em uma de suas muitas peripécias pelas ruas, após derrapar num cascalho, ruas de terra batida, desgoverna-se e acerta, em cheio, outro carro, veículo popular, já usado, utilitário que o jovem proprietário empregava em serviços urbanos e rurais e que, naquele momento, subia a rua. Um estrago considerável.

O enfatulado executivo, após reclamar e querer culpar o outro veículo, reconhece que estava errado e ali, na presença de todos – proprietário prejudicado e curiosos aglomerados em torno do acidente – diz, alto e sonoro:

- Pode mandar consertar, que pago tudo...Aliás, pode mandar reformar esse trambolho de ponta a ponta...E olha: não precisa chamar polícia, fazer boletim, nada disso.

Batendo amplamente as mãos espalmadas sobre os bolsos da calça de jeans, prosegou:

- Tu tu é que não falta...

Veículo danificado levado à oficina, orçamento feito, aprovado pelo executivo que, daí a dias, tornou às suas lides na Capital. Após um mês, o carro reparado, dono da oficina mecânica solicitando pagamento, pelo menos uma parte. O proprietário do carro faz inúmeras ligações ao executivo, solicitando a remessa do pagamento, conforme combinado e testemunhado. Mil e umas desculpas: que viria pessoalmente fazer o acerto, que enviria o valor por via bancária ou portador, mas nem uma coisa nem outra. Mais telefonemas, mais recados e a certa altura, não se conseguia mais falar com o chefe em sua empresa de trabalho. A secretaria passou a informar que ele estava em viagem, ou em reunião administrativa importante, não podendo, portanto atender ou ainda em serviço de inspeção na rua ou no

interior, sem hora e dia para retornar e assim por diante. Que telefonasse outra hora, que ela anotaria o recado, mas o fato é que o executivo tornou-se alguém inatingível, intangível. Mais fácil falar com o Papa ou com a rainha da Inglaterra... Uma chicana de todo tamanho!

Após dias, semanas, mês já alongado, beirando dois, buscando em vão falar com o ilustre cidadão, o dono do veículo avariado resolve deslocar-se à Capital, a fim de se entender diretamente com o executivo, causador do acidente e responsável pelo custeio dos reparos. Chegando ao imponente prédio onde funcionava a empresa, área nobre da capital, muito a custo conseguiu contacto com o chefe. Usara na recepção uma estratégia: mencionara o nome de outra pessoa conhecida e conterrânea, pois sabia que se citasse o seu, provavelmente não seria recebido.

Conduzido ao gabinete e asperamente recepcionado, o dono do veículo explica que estava ali para receber o valor combinado, pois as promessas de remessa via banco, por portador ou pessoalmente não foram cumpridas. E o acerto junto à oficina, já em considerável atraso.

O executivo roda a cadeira, ajeita a gravata e lasca a pergunta: - Por acaso, eu assinei alguma coisa? Há, sequer, um boletim de ocorrência, do acidente?! Onde está escrita a minha responsabilidade no caso? Aliás, para ser sincero, nem sei que acidente, de que carro você falando... E ainda melhor: nem mesmo o estou reconhecendo...

Nervos à flor da pele, indignado, transtornado, o dono do veículo altera a voz, iniciando uma altercação verbal entre ambos. A um leve e util toque do executivo, dois guardas adentram o recinto, arrancam o visitante da cadeira, arrastam-no, atirando-o à rua... E com ameaças de que, se ali retornasse, ai é que a cobra iria fumar...

ADIVINHAS

O que é? O que é?

1-Sou branca de nascimento,
Sou preta de geração;
Delgadinha de cintura,
Vivo sempre na escuridão

2-Duas gaiolas de arame
Sobre um espelho sombrio
Com duas meninas dentro
Tremendo sempre de frio.

3- O que é que a gente não tendo não se lembra, mas, tendo,
procura logo não ter?

Respostas: 1- a formiga; 2- os olhos; 3- a fome

Provérbios e Adágios

- Conversa que não se entende, não se estende
- Galinha que acompanha pato, morre afogada
- Cuia em que se guardou pimenta nunca perde o azedume
- Mão de mestre não suja pincel
- Coração dos outros é terra que ninguém manda

Para refletir:

Aprendi que um homem só tem o direito de olhar um outro, de cima para baixo, para ajudá-lo a levantar-se. (Gabriel García Marquez)

Se um dia escolher entre o mundo e o amor, lembre-se: se escolher o mundo, ficará sem o amor. Mas se você escolher o amor, com ele conquistará o mundo. (Albert Einstein)

Não é a genialidade nem a glória, nem o amor que medem a elevação da alma: é a bondade (Lacordaire)

Os instintos são sempre mais fortes e não se deve resistir demais a eles, porque eles vêm de Deus, ao passo que as leis vêm dos homens (Guy de Maupassant)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:

SICOOB
Credivertentes

Patrocínio:



Apoio Cultural:



1ª Turma de Bombeiros Civis de São Tiago

Transcorreu dia 08 de novembro pp., a formatura da 1ª Turma de Bombeiros Civis de São Tiago. Ao todo 26 bombeiros da comunidade foram diplomados, devidamente treinados pela ABCTM, em magnífico e pomposo evento realizado na Sede Social Santiguense, com a presença de autoridades civis, religiosas, educacionais e militares em geral. Foram paraninfos o Dr. Messias Natalino Santiago e o Prof. João Pinto de Oliveira.

Uma solenidade, igualmente prestigiada pela população, de muito ceremonial e de um padrão poucas vezes presenciado em São Tiago, tornando-se a cidade pioneira na região na constituição de um corpo de bombeiros civis, os quais voluntariamente atenderão casos de prevenção e de acidentes em geral.

Nossos cumprimentos à comunidade, aos Poderes Executivo e Legislativo, às empresas e pessoas que contribuíram para a grandeza do evento e que, prestigiarão, em todos os níveis e momentos, a atuação de nossos bombeiros.

QUESTIONAMENTO

Nosso boletim é de ordem cultural, memorialística. Vimo-nos, porém, forçados a abordar outros temas que envolvem, dentre tantos, o direito de cidadania, na nossa condição de consumidores e contribuintes.

Temos recebido várias reclamações quanto a plano de saúde, com dezenas de usuários locais e com restrições de atendimento em São João del Rei, seja por não haver rede conveniada, seja por dificuldades de toda ordem em se conseguir reembolso por parte da operadora e ainda os casos de profissionais da área que se esquivam em dar recibos integrais (o usuário necessita deles, preenchidos integralmente, em termos de valores, identificação do profissional ou empresa clínica – CPF, CNPJ, endereço completo etc. – para pleitearem reembolso junto à sua operadora de saúde e também para comprovação/declaração anual de Imposto de renda). Alguns se utilizam de expedientes sutis: dão recibos incompletos em papel avulso, sem CPF ou CNPJ; que o recibo será fornecido posteriormente, após o término dos procedimentos/tratamento; com a desculpa de que através do CISVER ou se o paciente é usuário de algum outro plano de saúde, a consulta é mais barata, não sendo fornecido recibo. Vê-se assim o usuário duplamente penalizado!

A tentativa de se instalar em São Tiago um núcleo do PROCON ou de se criar uma associação de defesa do consumidor, infelizmente, não deram em nada. Não há interesse nem do poder público nem das instituições que deveriam zelar pelos interesses coletivos. O cidadão que se lasque...

2014 – Bicentenário da morte de Aleijadinho

PROFISSÃO DE LENHADOR E “LENHADOR FANTASMA”

Antiga e importante profissão braçal – e que ainda subsiste até os dias atuais em algumas localidades ou situações - o lenhador ou lenheiro era facilmente identificado com o seu machado, o seu peculiar assobio, movendo-se a pé ou com cargueiros, embrenhando a mata, coletando lenha para uso diário pessoal, para venda na zona urbana ou ainda sob encomenda ou a mando de senhorios.

Ouviam-se à distância as machadadas, os ruídos de achas secas sendo empilhadas, geralmente separadas e selecionadas por bitolas (tamanhos) ou colocadas diretamente nas cangalhas sobre o lombo das alimárias, de algum carro de boi ali à espera na boca do mato ou sobre os próprios ombros. Muitas vezes e frequentemente, eram as mulheres “lenheiras” quem faziam o serviço de transportar lenha fina (os conhecidos “gravetos”) ou no máximo lenha média, vendida na cidade, como forma de renda, geralmente a única familiar.

O próprio lenhador, muitas vezes, pela sua prática e destreza, atuava nas cidades, na condição de “picador de lenha”, profissional requisitado e valorizado, tempos em que não havia fogões elétricos ou a gás e as donas de casa só podiam contar com o tradicional fogão a lenha e os fornos caipiras para a produção caseira de quitandas e pitéus. Comparecia às residências, lenha bruta empilhada ou espalhada pelo quintal, e ele, com seu machado e apetrechos (marreta, cunhas, limas, etc.), aos poucos, surgiam as “rumas” ou “montes” de lenhas aparadas, seccionadas, prontas para o fogo.

Em São Tiago, no passado, tínhamos celebrados e exímos rachadores de lenha, dentre eles Bastião Silvério, Chico Mole, Pezeta, Jesus Correia, Zé Coité

Daí existir a figura do “lenheiro fantasma” em nosso folclore, que continuava a cumprir sua função, de forma punitiva, em determinados dias ou em noites de luar. Transeuntes e cavaleiros que passavam pelas estradas ou moradores das redondezas, ouviam o barulho característico do “lenheiro fantasma” manuseando o machado, a árvore sendo abatida, a lenha sendo ajuntada, amarrada com cipó ao longo da noite ou mesmo em dias claros. Segundo a crídula interpretação popular, tratava-se da alma de um lenhador a cumprir penitência e se purgando, pois, quando em vida, apóstata, não respeitara a Sexta-Feira da Paixão, vindo a falecer numa delas, quando manobrava impiamente o machado na mata.

Alguns matos de nossa região – fenômeno que ocorre no mundo inteiro – tinham a fama de serem “assombrados”, sendo audível o trabalho de lenhadores fantasmas, no seu afã interminável de efetuar machadadas e preparar “lenha”, ao som de intermitentes assobios.⁽¹⁾ Um lavrador de nosso meio comentou que mantivera, certa época, lavouras próximas ao Mato do Sítio⁽²⁾ e que aprendera a conviver com a “barulheira” de árvores ou galhos caídos, som de golpes a machado, etc. e que, tão logo adentrava a mata, nada se via ou se ouvia de anormal. O “lenhador” silenciava e se tornava invisível à presença humana...

Ainda segundo o depoimento desse então lavrador, Sr. NG, ainda vivo entre nós, certa feita, estando ele em sua lavoura na beira do Mato do Sítio, captou nitidamente o barulho de dois machados, bem no fundo da gruta, onde dois “lenhadores” se alternavam, de forma ritmada, compassada, intensiva, no intuito de pôr a termo e no chão – pelo descomunal esforço que faziam - uma árvore avantajada. E daí, a tempos, o estrondo de grossa árvore derrubada e que, na sua monumental queda, ia se enlaçando a outras, estilhaçando galhos, ecoando todo o seu fragor pelas quebradas da mata. “Pela barulheira e estrago feitos, talvez uma pesada peroba, um jacarandá descomunal, uma imensa maçanaduba”, sofisma o antigo lavrador...

O mencionado lavrador afirmou-nos ainda que, certo Domingo de ramos, alertado de que maritacas aos bandos estavam estragando o seu roçado de arroz e milho, deslocou-se até a lavoura (Mato do Sítio), no intuito de espantar as aves. No mínimo, avaliar o tamanho do prejuízo. Ali chegando, fui surpreendido por intenso e ritmado sapateado nas proximidades do rancho. Indo até o local de onde provinha o barulho, os “dançarinos” e “batucadores” mudavam de ponto. E assim sucessivamente, deslocando-se os fazedores de barulho para inúmeros locais. A aproximação do lavrador não era bem vista e este não teve outra saída senão deixá-los batucar à vontade...

NOTAS

(1) Alguns atribuem os “assobios” dentro das matas a outro mito, o Curupira que assim age, a fim de confundir e afastar caçadores das florestas ou lenhadores que derrubam árvores, indiscriminadamente. Havia um antigo costume, para quem adentrava um mato, de deixar iguarias e petiscos em lugares estratégicos, subornando, dessa forma, os espíritos protetores das matas, dentre esses o Curupira. Hábito, na verdade, existente, nos nossos dias (ex. entre os frequentadores de botecos, amigos de bebidas alcoólicas que reservam um trago para o “santo”) ou ainda fiéis que colocam comida, oferendas e outros objetos para orixás, santos, espíritos, etc.

Segundo Câmara Cascudo em sua obra “Superstições e Costumes”, o hábito de derramar uma poção ou dose de bebida antes de servir-se, prática comum entre os “bebedores”, é um vestígio da Libatio a libação na Grécia e Roma antigas, como ritual inicial de oblação aos deuses no começo das refeições.

O Curupira é figura do folclore brasileiro, de origem tupi, mencionado inclusive pelo Pe. José de Anchieta, no séc. XVI, retratado como um anão de cabelos compridos e vermelhos, com os pés virados para trás. Na extraordinária mitologia tupi, que deveria merecer maior atenção e divulgação em especial nas escolas, órgãos ambientais, há outros espíritos protetores das florestas e dos animais, como o Anhangá, o Boitatá, etc.

(2) Alguns locais de matas, em nossa região, eram mencionados, no passado, como “assombrados”. Na Fazenda do Simplicio, trabalhadores ou roceiros que, em tempos idos, ali pernoitavam, diziam ouvir a toada de um lenhador, ao longo de toda a noite. Outros lugares eram assim igualmente citados, como a Fazenda dos Cochos, Fazenda “Ponte de Tábuas”, Fazenda da Cachoeira (antiga propriedade do Sr. Juscelino Mendes em Ritápolis), Fazenda da Paciência (do dr. Geraldo Ribeiro), etc.

O Sr. José Otávio de Souza (Saribo), conhecido lavrador e artesão local no passado (era ele exímio confeccionador de esteiras, balaios, peneiras, etc. em materiais como bambu, taquara do reino), cidadão honrado e conceituado, comentava um singular fato. Deslocando-se ele, pela madrugada, certa 6^a Feira da Paixão, a fim de “buscar” leite distribuído gratuitamente pelos fazendeiros, ao (tentar) atravessar uma cava em terrenos de D^a Marieta Castro, teve interrompida a sua caminhada, por um estranho ser felpudo, uma espécie híbrida de “cachorro” e “carneiro” e cujos pelos espalhados pareciam de arame. O inusitado “animal”, surgindo de dentro da cava, passou a obstruir as passadas e o trajeto do lavrador, roçagando, “enroscando-se”, “trancando” em volta das pernas, impedindo-lhe a mobilidade. Não teve o Sr. Saribo senão esperar o dia clarear, oportunidade em que o “bicho enroscante” sumiu. Registro feito.

• Recentemente, (16/11) tarde de domingo, conterrâneo nosso que se achava em um sítio, na região da Micaela, ar parado, silêncio fundo naquele momento, por aqueles ermos, estranhou e surpreendeu-se sobremaneira com o barulho típico de homens, em grande número, erguendo ou reformando tapumes. E bem próximos. Ritmo de machadadas abatendo árvores, baques de moirões atirados ao chão, sons de enxadões abrindo buracos, marteladas compassadas a fixar grampos, tudo entremeado por conversas, pigarros, assobios tipicamente humanos.

Atentou para o local de onde partiam sons tão característicos. Ensimesmado, ouvidos atentos, admirado do fato de tantos trabalhadores ali no domingo, esgueirou-se sutilmente dentre o arvoredo, evitando ser visto ou ter detectada a presença, aproximando-se o máximo possível do local. Para sua surpresa – seriam trapaças da mente?! – tudo quieto, na mais santa paz domingoira, nenhum sinal de cerca arrumada, trabalhador ou vivente algum por aquelas beiras e ribeiras – pelo menos na nossa dimensão física! ...

SALÁRIOS EM ATRASO

Os vencimentos dos funcionários municipais daquela pitoresca cidade – que, por lei devem ser quitados mensalmente – estavam em injustificável atraso. Literalmente vencidos. Passaram-se já Dezembro, o 13º do ano, Janeiro, Fevereiro do novo ano e... nada! A folhinha indicava já os primeiros dez dias de Março. Necô! Período de chuvas, o pessoal brincava dizendo que as enchentes, embora a cidade se localizasse num platô, tinham levado o dinheiro...

Desculpas oficiais: não havia recursos, o Fundo de Participação minguara, surgiram outros compromissos inadiáveis (decerto inconfessáveis...) Isso quando davam alguma satisfação. Administração populista, clientelista, intimidativa, remando entre a ironia e a insolência, como tantas por esse mundo de meu Deus!

À boca pequena, nas rodas da praça, de forma informal e susurrada, outras eram as explicações. O Prefeito comprara fazendas no sertão, nos Cerradões de Goiás; para outras fontes, comprara casa na praia, apartamentos na Capital; segundo outros, o alcaide – dado a extravagâncias – perdera uma fortuna em jogatinas no Paraguai ou Las Vegas... E vocês não acham, meus filhos, que casos de políticos por esse Brasil afora, como o aqui narrado, acontecido na ponta de nossos narizes, não são histórias cabeludas, do arco da velha, das mil e uma noites?! E que ficam por isso mesmo ?!

Chamava a atenção de todos a profusão de “assessores” lotados na prefeitura, todos praticamente desconhecidos da população. A imaginação popular, dessa forma, corria solta. Marcianos, quem sabe. O fato é que o dinheiro “sumira” dos cofres públicos, funcionários e fornecedores a verem navios! Telefones e luzes cortados, veículos oficiais em pandarecos...

Dona Severa, esposa de um dos operários municipais, popularmente denominados “cavouqueiros”, andava aperreada, indignada. Compromissos por todos os lados – dívidas com o comércio, particulares, agora até agiotas. Meses sem um tostão do empregador público. Espicaçava o marido em casa para que ele e companheiros dessem um aperto no alcaide. Levassem o assunto aos vereadores, ao Ministério Público, à Justiça. Cadê coragem!? Como enfrentar o absolutismo, o coronelismo e até mesmo o terrorismo institucionalizado e instalado nas pequenas comunidades?! População acuada, desprovida de sustentação em seus direitos, câma-

ras omissas, tribunais muitas vezes inacessíveis...

“- Um ultraje! Trabalhar meses sem receber...”, pensava assim a vexada senhora, sem saber já o que colocar diariamente na marmita que o marido levava para o serviço, o eito geralmente na zona rural. Pessoal saía pela manhã, retornando à tardinha.

Toma uma decisão. Munida de contas de água, energia elétrica em atraso e os respectivos e agressivos avisos de corte enviados pelas concessionárias, relação de débitos com mercearia, padaria, açougue, dirige-se à sede da Prefeitura. Em casa, cruzes na boca. Tudo racionado, alimentação regrada, banho de água fria, na cuia, no conta-gotas. Ainda bem que as crianças se alimentavam na escola, embora os comentários de que a merenda andava minguada, produtos de 2ª ou 5ª servidos aos alunos... Descalabros, bocas caladas...

Não encontra o prefeito. É recebida friamente pelo chefe de gabinete. Outros cidadãos ali também com problemas a resolver. Observa, ao adentrar, um cidadão “diferente” sentado ao fundo da sala, lendo um jornal, cujas páginas, à altura do queixo, cobriam-lhe em parte o rosto. Um desconhecido. “Deve ser mais um assessor ou advogado, gente de fora, de outros planetas, dentre as dúzias, que existem dependuradas no cabide daqui...” deduz a senhora. Expõe ela as razões ali de sua presença. Exibe as faturas em atraso, relata as privações em casa. Necessitava de um “fôlego”, um “vale”, alguns trocados para fazer face às dívidas já existentes. Não suportava mais o desconforto, os olhares e carantonhas de comerciantes e vendedores quando penetrava-lhes os recintos para fazer as minguadas e indispensáveis compras... E ainda por cima cobradores à porta!

O secretário é inflexível, descortês até. A Prefeitura não tinha como fazer “adiantamentos”. Se não estava pagando, é porque não tinha dinheiro, disponibilidades. Nada poderia ser feito, senão aguardar... Regra válida para todos.

- “Pelo menos, um vale para as prestações em atraso – água, luz, o senhor poderia fazer...” busca negociar, suplica, a angustiada senhora

- De forma alguma. A senhora espere até o pagamento sair, quando sair... E bom dia, indicando-lhe engenhosamente a porta de saída do gabinete



O QUANTO NÃO VALE UM JALECO!

Duas horas da tarde. Idos da década de 1980. Tempo abafado, aquele mormaço de verão a prenunciar chuva pesada, na certa, ao escurecer. Agência bancária lotada. Clientes às dúzias em pé, a fila que pouco andava, praticamente em passos de tartaruga. Outros na expectativa de falarem ao gerente. Ainda aqueles ali pelo balcão ou zanzando pelo tórrido cômodo. Alguns que, descoroçados, saíam, ganhando a rua. Dentre os clientes na longa fila, D^a Severa – enervada, desinsofrida, o tempo passando, nada de ser atendida...

Um calorão, um caldeirão o ambiente. Em quase todos os semblantes, observava-se tensão, o suor escorrendo pelas têmporas, camisas e blusas já encharcadas. Olhares voltados para o relógio da parede ao fundo – como avançavam rápidos os ponteiros! Como demoravam as pessoas sendo atendidas nos guichês dos caixas, parecia ter grude ali prendendo as pessoas...

O recinto vê-se subitamente em alvoroço. Um senhor de jaleco branco, homem já de certa idade, médico que, naqueles tempos, atendia a locidade, sem cumprimentar os presentes, adentra a agência, dirige-se ao balcão central. Todos os funcionários ocupados, assoberbados. Incontinenti, o gerente – ao vê-lo ou por ele chamado – levanta-se da cadeira, deixando, por instantes, o cliente que estava atendendo, vindo ao encontro do ilustre recém chegado. Conversam, acompanhados pelos olhares do pessoal da fila, ali, há horas, aguardando. O médico passa um papel – um cheque – ao gerente, que, de pronto, dirige-se a um dos caixas, retornando – embora buscasse despistar – com certa quantia, várias cédulas, a serem repassadas ao especial cliente, fura-filas.

Dos olhares aos esgares, aos murmúrios, ao engolir em seco, daí à indignação de D^a Severa que, num átimo, num salto de pantera agitada, deslocou-se da fila rumo ao balcão, inquirindo, em altos brados, o gerente:

– Ora, o que está se passando aqui?! Muito bem, sêo gerente, o senhor contribuindo para o desrespeito às normas convencionadas... Nós, povo, horas na fila, nessa fornalha, nesse desconforto, muitos aqui sem almoço e chega um estranho, é atendido por trás das cortinas...

Pego de surpresa, transido, o gerente tenta se justificar:

– Ele é médico... tem compromissos inadiáveis... (o médico, que, a esta altura saíra de fininho da agência ganhando a rua)

– Compromissos inadiáveis?! E nós, por acaso, não os temos?! Não somos, porventura, clientes como ele?! Não somos todos cidadãos com direitos iguais, conforme escrito na Constituição?!

Voltando-se para os demais clientes, a essa altura, um rumoroso auditório, D^a Severa ironizou:

– Vamos, minha gente, recomendo a todos, daqui para frente, vestirmos um jaleco. Pelo menos, aqui, nesta agência bancária, estará resolvido o problema da fila...



Ante a resposta e a atitude do funcionário, Dona Severa se exalta, elevando o tom de voz, principia um misto de choro e raiva, exigindo a mínima atenção ao seu problema. Precisava desesperadamente de algum “adiantamento”, afirma pela undécima vez. Gera-se um tumulto, uma altercação, atraindo a atenção de funcionários lotados nas salas próximas e ainda de outras pessoas em trânsito ou ali à espera, no corredor.

O estranho, em suas roupas esportivas, até então absorto, envolto na leitura do jornal - ante o alarido e tumulto surgido entre a senhora e o secretário - ergue o rosto, explodindo a voz, de forma ácida, troante:

- Retire-se, minha senhora! A senhora não percebe que é inoportuna. Afinal, o senhor secretário já lhe explicou que não há dinheiro, que todos devem aguardar, inclusive a senhora...

Dona Severa que se achava engalfinhada naquele áspero tete-a-tete com o secretário, clima de funda, calorosa polêmica, ao ouvir a admoestação do estranho, volta-se incontinenti, semblante sobranceiro, destemido, questionando-o:

- Bom dia, primeiramente. O senhor, quem é? Gentileza identificar-se, já que, momento algum, o senhor fez ou faz parte do assunto aqui tratado... Com uma ponta de ironia, provoca-o: - E se o senhor é mais um dos “assessores” de fora aqui, não tinha até então o prazer de conhecê-lo...

- Sou o novo delegado de polícia...

Ao ouvir a identificação, ou melhor a menção ao cargo, a senhora, já transtornada pelas agruras financeiras e materiais em casa, ali maltratada pelo empregador público insensível e manipulador, praticamente enxotada da “casa do povo”, teve uma atitude ousada, digna de um autêntico cidadão brasileiro ultrajado.

- Delegado de Polícia?! O senhor, então, é um Delegado de Polícia?! Pago com o suado e sagrado dinheiro público - e decerto que seus salários estão religiosamente em dia -, às dez horas da manhã, lendo jornal dentro da Prefeitura, parasitando, se imiscuindo na conversa alheia, ao invés de estar na delegacia ou em diligências trabalhando, servindo ao povo que lhe paga, servindo ao País...

- Posso prendê-la, por desacato!

Desvairada, rodopiando sobre os frágeis, encardidos pés, envolvendo sobre si o tosco vestido, aquela mulher simplesmente vociferou, chamando a atenção dos demais abnegados funcionários da casa e de transeuntes na rua:

- Prenda-me!!!! Prenda-me!!! A mim, doutor, mulher de operário fintado, vilipendiado em seus direitos, que há meses não vê a cor de seu suor, família passando privações – sou aqui uma mãe de família desesperada, aviltada, pois é isso que o Estado nos oferece, é isso que o cidadão impotente, desarmado, recebe: humilhações, ameaças...

Desengraçado, percebendo que pisara num vespeiro, se metera numa camisa de sete varas, o delegado desculpou-se, saindo rapidamente, de fininho da sala, enquanto pessoas se aproximavam, servindo um copo de água açucarada à senhora em transido choque, em vias de um fulminante infarto... E cujo marido operário ainda levaria tempos para receber o seu salário em atraso!

ROTARY TRANSFORMANDO VIDAS

O Rotary Club e a Casa da Amizade promoveram, em parceria com a Escola Estadual “Afonso Pena Júnior”, um concurso de redação com o lema: “Rotary Transformando Vidas”.

No dia 29 de outubro, realizou-se, na sede da Casa da Amizade, a cerimônia de premiação com a presença do Governador Distrital, Sr. Ângelo Antônio de Freitas, logo após, foi oferecido, em grande

estilo, um jantar festivo.

Coube premiação aos alunos:

1º lugar:

Vivyane Soares de Oliveira
com o valor de R\$200,00

2º lugar:

Diego José de Sousa Gouveia
com o valor de R\$100,00

3º lugar:

Jussara Camila Ribeiro
com o valor de R\$50,00.



Parabenizamos e agradecemos à direção da E. E. “Afonso Pena Júnior”, ao professor João Henrique Pereira e, em especial, a todos os alunos que fizeram desta ação, um grande sucesso.



VIVER PELO PRÓXIMO

Rotary Club e a Casa da Amizade formam uma organização internacional espalhada pelo mundo, composta por homens e suas esposas a qual reúnem líderes de negócios e profissionais que prestam serviços humanitários, visando a estabelecer a paz e a boa vontade mundial.

Porém, surge a indagação: O que levaria uma fundação rotariana a exercer atividades responsáveis pela formação de um mundo melhor? Esta é uma questão de fácil compreensão, tudo que promovem, é em função da satisfação em trazer sorrisos a pessoas carentes, auxiliando, semeando esperança, com o intuito de "transformar vidas", não obtém fins lucrativos, querem apenas possibilitar um melhor padrão de vida à comunidade.

Pois, como disse Winston Churchill: "São poucos os que deixam de reconhecer o trabalho realizado...", um dos principais programas dos rotarianos é o intercâmbio, todos os anos mais de 8 mil jovens viajam para países diferentes, visando estreitar os laços de amizade e fraternidade entre diversas nações, enfatizando ações humanitárias, culturais e educacionais.

A fundação rotariana possui um fluente papel na sociedade, creem no valor que reside no coração e não no destaque pessoal. É um farol que busca iluminar o caminho de seu semelhante, em cada ato, um gesto de amor, em cada lágrima, esperança.

Ao transformar vidas, desafiam a si mesmos a transformar o mundo, deixando o ego de lado e passando a viver pelo próximo.

Viviane Soares de Oliveira

TEMPOS MODERNOS

O cotidiano dos dias modernos é muito corrido e, com isso, a sociedade está perdendo seus valores. Já não há respeito com os mais velhos, nem um simples "bom dia" ao amanhecer e, às vezes, as pessoas mal se olham nos olhos.

Essa rotina é que leva as pessoas à depressão, ao sofrimento, à tristeza de viver. Durante os últimos anos, essas doenças psicológicas cresceram muito, junto com a prática do suicídio. Já não bastasse isso, as drogas invadiram de vez a vida dos jovens e estão destruindo famílias. Além disso, quantos pais deixam de viver com seus filhos para conviverem com o álcool? Certamente muitos, já que a palavra família está perdendo seu significado.

Como visto, as pessoas afetadas pelas doenças modernas são muitas, e são julgadas por isso. É preciso inverter essa concepção. O que nos anima é que há pessoas e entidades preocupadas com tal situação. Graças a benfeiteiros, ONG's e ao Rotary Club, é que ainda há esperança no mundo. Vale destacar esse último, o qual serve à nossa cidade, sem perder sua grandiosidade internacional.

Agindo como essas instituições é possível mudar realidades. É preciso pensar globalmente e agir localmente, olhando os problemas ao nosso redor e enfrentando-os. A sociedade não pode ficar à mercê do crime, dos vícios e da corrupção.

Enfim, a transformação começa por cada um. Se todos cumprirem bem o seu papel, a realidade mudará.

Diego José de Sousa Gouveia.

AMOR UNIDO A SOLIDARIEDADE

Quando fazemos as coisas com amor transformamos vidas. São nas pequenas atitudes que tornamos o mundo melhor e trazemos alegria para aqueles que têm condições inferiores. Se cada um reconhecer o trabalho solidário e fazer um pequeno gesto a favor dos mais necessitados, tudo se torna melhor e, sem dúvida, prazeroso.

Isabella Fiorentino, apresentadora do esquadrão da moda do SBT, diz ter vontade de montar uma clínica de recuperação para dependentes químicos, mesmo sabendo que não irá ganhar nada com isso, vai ficar satisfeita em ajudar os outros. Quando ajudamos uma pessoa, por menor que seja esta ajuda, mas que seja algo bom, estamos tornando a vida dela melhor.

Rotary é a maior e mais respeitável organização não governamental da humanidade. Não é preciso ir longe para buscarmos exemplos de perseverança e caridade. O Rotary Club, os homens, e Casa da Amizade, suas esposas, em São Tiago, é uma associação de pessoas de ótimo coração, que com elevado padrão de ética e demonstrando união entre os casais, ajudam estabelecer a paz e a boa vontade, prestando serviços voluntários aos mais necessitados.

É feito com enorme brilhantismo a campanha do agasalho, por exemplo, vestindo com alegria e roupas quentes aqueles que precisam. Este trabalho provoca orgulho e satisfação naqueles que recebem como pagamento o sorriso de uma criança agradecida.

As pessoas que praticam essa atitude tão abençoada do Rotary Club - Casa da Amizade é um exemplo a ser seguido. Quem hoje é ajudado futuramente torce para que seja um membro desse serviço comunitário que tanto orgulha os São-tiaguenses. Viver Rotary com entusiasmo e companheirismo é transformar vidas.

Jussara Camila Ribeiro

FESTAS DE NATAL



As comemorações do Natal, quando crianças, transmitiam-nos profundas inspirações cristãs. Muita fé e magia. O presépio, espaço especial, reverenciado, no centro da sala, confeccionado, artesanalmente, peça a peça, a que ajudávamos, por vezes inábeis, intrigados. Utilizávamos papéis de embrulho, oriundos de compras em lojas da cidade ou deixados por tropeiros de passagem, em cujas folhas espalhava-se pó de carvão misturado a lascas de malacacheta ou recortados e tingidos, então, para a confecção das tradicionais figuras e cenários natalinos. Uma imitação da natureza, com miniaturas e estampas caprichadas de animais, compondo a paisagem do tosco presépio em escala maior, as figuras do boi, da ovelha, do burro em torno da Sagrada Família, com o Menino Jesus, luminoso, álares ao centro; ao redor, ceremoniosos, pávidos, o grupo de pastores. A partir de 6 de Janeiro, incluíam-se as figurações dos reis magos e pajens, com camelos, cabras à entrada e até elefantes.

Cenário de múltiplos ingredientes e que, ao final, mostrava-se uma obra de esmerada arte. Musgos e líquens coletados nos troncos das árvores caídas à beira dos caminhos; os sacos de aniação, estufados para o alto, a que se agregavam pedaços de mica, simulando montanhas sinuosas; pedaços de espelho triturado imitando uma lagoa ou fonte em meio ao oásis arenoso e sobre cuja superfície colocava-se algum pato, feito de celulose. O costume da árvore de Natal apareceria mais tarde.

A estrada por onde vinham os Reis Magos confeccionada com areia e pedregulhos retirados do córrego próximo. Bem acima, a reprodução do trajeto de Papai Noel e das renas, movendo o trenó, pelo espaço estrelado, a que olhávamos, curiosos e esperançados, de sermos agraciados com um belo presente.

As crianças que viviam com suas famílias em lares, então quase todos modestos, mas de comovente calor humano, inquiriam-se quanto aos presentes, porventura, trazidos por Papai Noel. O bom velhinho, em quem se acreditava ingenuamente (na verdade alguém da casa ou da família, como descobriríamos mais tarde), vindo de distantes e geladas terras, após atravessar as nuvens, desceria pela chaminé do fogão a lenha, à meia noite, com um saco de presentes. Para tanto, deixava-se o sapato, naqueles tempos botinas ou alpercatas artesanais, atrás da porta. E que, para desencanto e choro de muitos, amanheciam vazias. Papai Noel por ali não passara! Havia, em algumas casas, o costume – aliás inadequado, senão sádico, para os padrões de hoje – de informar à petizada que Papai Noel abriria o “Livro dos malfeitos e bem feitos” (uma caderneta de anotações familiares) e que era o pavor das crianças travessas, receosas de não ganharem presentes. Muito e quão diferente do Natal de hoje, de presentes caros, dos brinquedos eletrônicos, do consumismo desbragado, dos brindes, festanças e glutonices mercantilistas... Havia ainda o Papai Noel anônimo, ambulante, que, por vezes, passava pela rua, fantasiado em sua bata vermelha, sininho na mão, distribuindo balas, pelos caminhos, às crianças em algazarra...

Havia a obrigatoriedade de se ir à missa do Galo, quisesse ou não a criança, à qual comparecia praticamente toda a cidade.

A ceia familiar era preparada com antecedência pelas mulheres da casa. A mesa revestida por toalha bordada, com motivos religiosos ou campestres. Pratos, tigelas e bandejas garnecidas de franjas de papel colorido onde se acomodavam gordo capado, peru recheado, leitão enfeitado, farofas. Para tanto, matava-se, de véspera, peru ou pato, assava-se o porco, preparava-se a leitoa pururuca. Garrafas de licores, vinhos e cervejas caseiras. Confecção nos fornos a lenha de roscas, sequilhos, biscoitos de polvilho, de araruta. Como sobremesa, doces de cidra, figo, aletria, arroz doce. Instrumentos eram tocados, em particular violão, flauta, contrabaixo por conjuntos da cidade ou por comensais músicos

As moças geralmente de vestido novo, com fitas; os moços igualmente bem trajados, de terno. O repicar dos sinos ali pelas 23 horas convocando os fiéis para a missa do galo, pois que, antes da barriga, tinha-se que cuidar do espírito, da alma...

CURIOSIDADE – Uma tradição francesa do séc. XIX diz que o trenó conduzido por Papai Noel – e que desliza e voa na sua missão de distribuir presentes às crianças e pímpolhos do mundo inteiro – é puxado por quatro duplas de renas, todas com sugestivos nomes:

- Daster (Corredora)
- Dancer (Dançarina)
- Prancer (Empinadora)
- Vixen (Raposa)
- Comet (Cometa)
- Cupid (Cupido)
- Donder (Trovão)
- Blitzen (Relâmpago)

Há quem acrescente uma nona rena, Rudolph, de nariz vermelho, brilhante e que tem a incumbência de puxar o comboio.